

Ponto de vista

Vamos colocar felicidade no nosso trabalho ?

Celso Foelkel

Gostaria de começar essa coluna fazendo referência ao comentário que recém recebi por e-mail de uma ex-aluna minha da Universidade Federal de Santa Maria, a Kênia Serafim, que terminava, na Cambará S/A Produtos Florestais, seu estágio regulamentar para sua formatura em engenharia florestal: “Adoro fazer o que faço... a gente sua a camiseta, mas trabalho sem suor não tem graça”. Trabalhar, amigos, é isso mesmo, é ter prazer em fazer as coisas, é fazer aquilo que se gosta e ter gosto em fazer o que se faz. Há uma célebre lei, dessas muitas que existem na administração de recursos humanos, que é a Lei de Parkinson. Ela diz o seguinte: “ O ser humano trabalha para ocupar o tempo que tem disponível: se ele tem muito tempo livre, ele dá um ritmo tranquilo às suas tarefas; se tem pouco tempo, procura otimizar e planejar ao máximo, priorizando o que fará primeiro e o que terá que descartar”. Logo, estamos sempre fazendo algo para “deixar o tempo passar” sem que a vida se torne aborrecida. Na maioria das vezes, quem determina as prioridades, o ritmo ou a urgência, somos nós mesmos. Como resultado, estamos sempre fazendo algo, por nossa opção, mesmo que estejamos pensando, refletindo, estudando, comendo, passeando, escrevendo, exercitando, etc.

Há muitos que acreditam e propagam que não gostam do trabalho, que não se sentem felizes fazendo o que fazem. Entretanto, o que fazem é sempre opção deles próprios: não há nada nos

obrigando a ficar no mesmo emprego fazendo o que fazemos. Não há mais trabalho escravo e nem contratos de trabalho que não possam ser substituídos por outros. Outras opções existem, temos que ter coragem de procurá-las. Em resumo, se estamos sempre trabalhando e passamos a maior parte de nossa vida fazendo o que denominamos de trabalho, melhor que gostemos disso, senão nossa vida não terá sentido e os momentos de felicidade acontecerão raramente. Aqueles que não estão felizes com o trabalho acabam de mal com a vida e com os amigos, até mesmo com a família. Para eles, o dia-a-dia é uma rotina sufocante e eles não vêem a hora de chegar o final de semana, as férias ou algum abençoado feriado. O trabalho, o local onde passamos a maior parte de nossas vidas, os nossos colegas de trabalho, tudo isso deveria nos agregar alegrias, da mesma forma como procuramos agregar valor para nossas empresas. Os estímulos deveriam partir de todos para tornar esse ambiente mais prazeroso, tanto dos empregados como dos empregadores. Com prazer, todos viramos artesãos, orgulhosos de nossas obras, da nossa criatividade e do reconhecimento de nossos pares. O sentimento do dever cumprido, a alegria de ser reconhecido por nosso talento, a sensação gostosa de ajudar voluntariamente os que estão mais sobrecarregados e necessitando ajuda, mesmo que não peçam, tudo isso pode nos dar as alegrias que na maioria das vezes buscamos desesperadamente conseguir nos finais de semana. Os mais velhos, com maior experiência acumulada, nada melhor para eles que ensinar os mais jovens. Esses, com sua energia, nada melhor que motivar alguns mais velhos, cansados de sua vida rotineira e “esperando a aposentadoria chegar para descansar”. Na minha vida profissional, tive a grata satisfação de passar por essas diversas fases e ter encontrado maravilhosas pessoas que me apoiaram ou que eu pude apoiar.

Hoje, com muito mais experiência e conhecimento, olho as empresas e as vejo muito preocupadas com índices de eficiência e de competitividade. Ótimo, assim elas poderão ser mais duradouras e gerar os postos de trabalho que o país necessita. Entretanto, o termo posto de trabalho é algo que parece estático, lembra mais uma caixa ou uma casamata. O que queremos, na verdade, é um local onde possamos externar nossa criatividade, onde possamos contribuir para que a empresa cresça e nós também. Deve ser um local onde valha a pena viver, onde nossa vida aconteça de forma divertida, saudável e com a geração de riquezas materiais, éticas e morais. Temos nossas vidas à nossa disposição para transformá-las em algo grandioso ou

algo medíocre, depende de como queiramos fazer; a opção continua conosco. Conseguimos ver, ouvir, sentir, produzir, relacionar. Vemos as árvores das florestas plantadas crescendo e oferecendo suas células para virarem papel. Vemos o papel se transformar no principal bem a armazenar e difundir a cultura e a linguagem em livros, cadernos, jornais, “out-doors”, etc. Vemos o tempo passar e a nossa vida encurtar. Vida é portanto um bem divino que exige percepção do que está acontecendo. Dizem os mais sábios que a vida vale pelas sementes que plantamos. As sementes estão à nossa disposição; os locais para plantar também. Dizem os gurus da administração, que ser excelente é exceder os limites, sempre melhorando o desempenho e alavancando vantagens em um mundo cada vez mais competitivo. Todo ser humano busca a felicidade, que é um estado de espírito, uma percepção de sucesso e de alegria, que esperamos que se renove mais vezes. As empresas também buscam isso ao buscar a excelência. Seria então possível que felicidade e excelência sejam sinônimos e possam ser buscadas juntas?